

POR GIOVANNA KUNZ E GIOVANNA RODRIGUES

Falar de Copa do Mundo no Brasil é caminhar por uma linha do tempo em que a identidade nacional se mistura com o som do apito inicial. Para além das estatísticas frias nos livros de história, a verdadeira mitologia do nosso futebol é guardada na memória de quem viu, passo a passo, cada uma das cinco estrelas ser costurada no peito da Seleção. Cruzar as décadas por meio dos relatos de testemunhas oculares dessas conquistas é compreender como um país predominantemente rural e sem conexão direta se transformou na maior potência futebolística do planeta.

No entanto, para que a era de ouro existisse, o Brasil precisou passar pelo seu próprio purgatório. O ano de 1950 ficou gravado na alma brasileira como uma cicatriz incurável. Perder a final da Copa do Mundo em casa, no recém-erguido Maracanã, para o Uruguai, por 2 x 1, foi muito mais do que um revés esportivo. O episódio, eternizado como Maracanazo, operou como um drama psicossocial coletivo, uma tragédia nacional de proporções idênticas ao que as gerações atuais sentiram no fatídico 7 x 1 contra a Alemanha em 2014. Naquela tarde de julho, o Brasil vestia branco, e o luto coletivo exigiu que o país se reinventasse do uniforme à alma.

O tremor de 1950

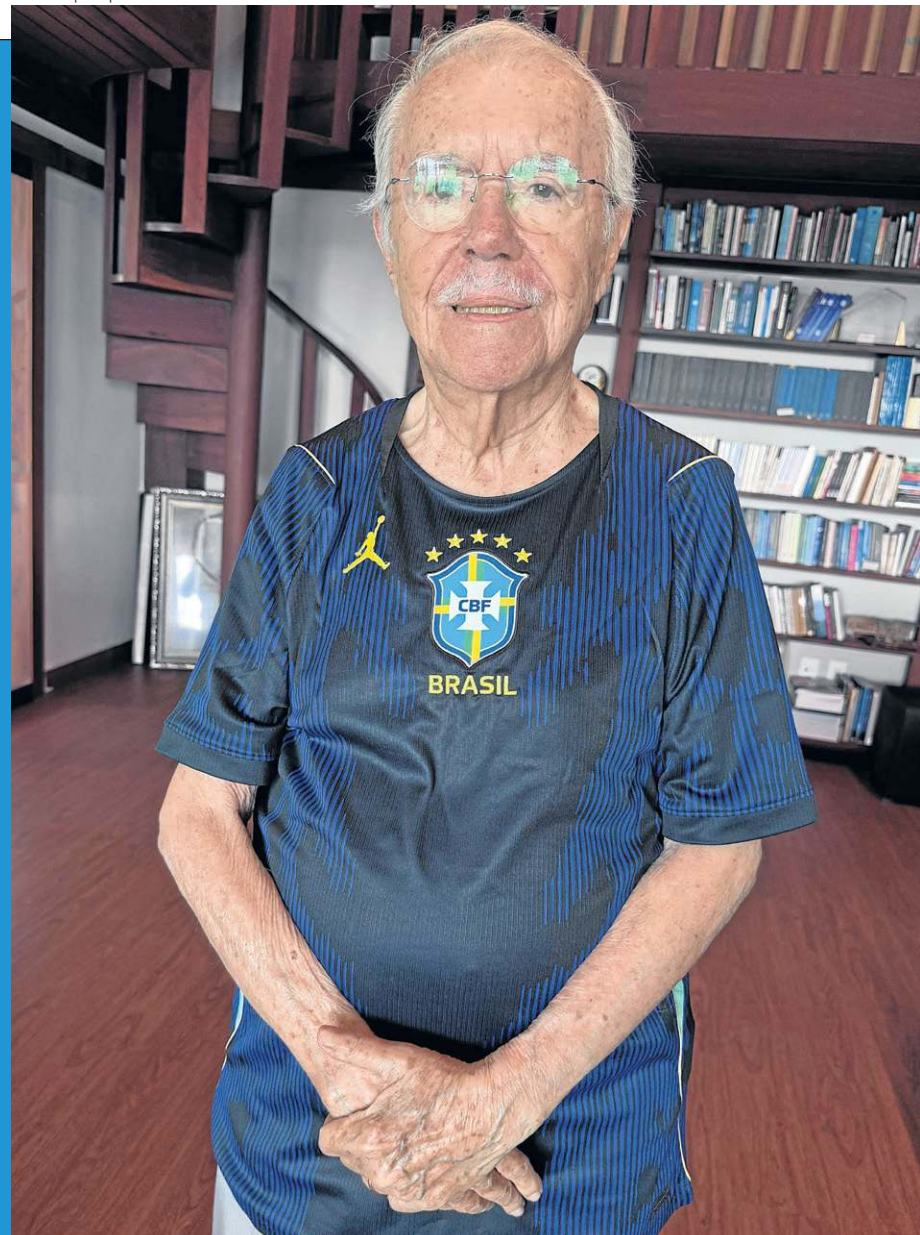
A dor daquela perda histórica cruzou os céus e as terras do país, afetando a todos de maneiras distintas. O ex-presidente da República José Sarney, hoje com 96 anos e bastante ativo nas redes sociais compartilhando memórias sobre política, cultura e esporte, relembra que sua percepção do desastre foi amortecida pelo próprio medo de voar. Naquele ano, ele viajava de avião pela segunda vez na vida, rumo à capital federal da época.

Sarney contextualiza que, desde o seu nascimento, o mundo testemunhou 24 Copas do Mundo. "Lembro-me de cinco, as que o Brasil ganhou a que assisti", recorda o ex-presidente. Ele confessa nunca ter sido um torcedor engajado ou fanático, mas, sim, um observador curioso que acompanhava o torneio sempre que as condições permitiam. Essa ressalva se deve às dificuldades estruturais do Brasil de meados do século passado, pois Sarney passou grande parte da vida em cidades e casas que sequer tinham rádio. Mais tarde, com o advento da televisão, dependia da hospitalidade alheia, já que seu pai não tinha condições financeiras de comprar um aparelho.

Apesar de ter testemunhado todas as glórias posteriores, a lembrança mais nítida de Sarney evoca o fantasma do Maracanazo. Ele estava cruzando as nuvens quando o veredicto final foi dado. "Quando sobrevoávamos a cidade, o piloto anunciou o gol do Uruguai", recorda-se. Entre o mal-estar físico da viagem e o temor

MEMÓRIAS EM VERDE E AMARELO

Fotos: Arquivo pessoal



Relatos de brasileiros que acompanharam todas as vezes que o Brasil foi campeão Mundial revelam como a Copa continua ocupando um lugar especial na memória nacional

da altitude, o jovem Sarney mal conseguiu mensurar o tamanho do impacto que aquele anúncio causaria na fundação do orgulho nacional: "Não pude avaliar por completo a tragédia. Estava entre enjoo e medo".

Enquanto Sarney recebia a notícia no ar, o mineiro Gilson Belém, hoje com 91 anos, viveu o drama pulsando no chão de concreto do Maracanã. Ex-inspetor do Banco Nacional e atualmente uma figura ilustre em São Lourenço (MG), Gilson tinha 14 anos em 1950 e uma rotina intensa ditada pelo fanatismo do pai. O patriarca era tão doente por futebol que ia ao Rio de Janeiro todo mês e não perdia um treino do Flamengo na Gávea.

Gilson conta que viu o Maracanã nascer, visitando o canteiro de obras com o pai. "Era um gigante, era uma obra toda de concreto, era um negócio espetacular", descreve. Para garantir presença nos jogos, o garoto enfrentava verdadeiras maratonas. À meia-noite, o pai o deixava em um bonde no Catete rumo à lateral do Teatro Municipal, na Avenida 13 de Maio, onde os ingressos eram vendidos. Gilson passava a madrugada na fila, enfrentando a multidão para conseguir as entradas por volta das 8 ou 9 horas da manhã, sempre pagando em dinheiro vivo. Ele comprava pacotes de até 12 ingressos para distribuir entre os parentes.